

Suplemento Cultural

O soneto e a poesia

ADAIR JOSÉ DE AGUIAR – escritor/poeta, professor, pertenceu à Academia Sul-Mato-Grossense de Letras

Inicialmente, quero agradecer-lhe, Geraldo Ramon, a gentil reportagem, de sua autoria, a meu respeito, há algum tempo publicada no **Suplemento Cultural**.

É um prêmio para alguém que não triunfou nas porfias do talento; “não venceu nas refregas políticas, não se vitoriou no primado da inteligência, nem brilhou no mundo opalescente das Letras!”.

Apenas, foi sonhador e arrostou os percalços comuns de uma existência comum e acalentou, vida em fora, o ideal de admirar os que escrevem, venerar os que produzem e imitar os que realizam.

Por tais razões, Geraldo Ramon, nada encontro, em mim, que justifique a honra com que você me distinguiu, mas recebo o seu gesto, como retribuição gratuita pelo que não fiz e não sou tão somente pelo que sempre desejei ser e fazer.

Depois, a poesia é um termo indefinível, se pretendermos explicá-lo, vamos esbarrar em conceitos fúgidos e até obscuros.

Sabemos, e você sabe muito bem, que é um termo grego (poesia) aquilo que é elevado e nobre, capaz de despertar o sentimento do belo.

Poesia, pois, é a linguagem viva da paixão e da imaginação. Através dela, a poesia é uma geração amorfa, insensível, vazia de sonoridades, sem a fantasia doirada do sonho que embelece a vida humana.

De ordinário, a poesia está sujeita a certas medidas regulares. Mas, no verso solto, livre ou branco, também pode e deve haver poesia, aquele elemento poético de sentimento e beleza que não vem somente da técnica regular, porém, da mensagem, do conteúdo de va-



OLAVO BILAC. Poeta brasileiro, exímio sonetista parnasiano, cofundador da Academia Brasileira de Letras (1865-1918)

lor artístico e humano.

Entre as poesias de rigor métrico, meu caro confrade, sobressai o soneto, forma poética, na qual você é um mestre.

Não pretendo dar lições ou fazer história. Para tanto, me falece o talento, mas gosto de alertar-me sobre o soneto que, para mim, é a expressão clássica da dignidade poética.

Fulcrado nas investigações dos estudiosos do assunto, o soneto foi criado por um poeta siciliano, Giacomo de Lentini, na primeira metade do século 12.

Para outros, contudo, a paternidade do soneto é atribuída ao trovador francês Girard de Bourneuil. Há os que afirmam que foi o poeta italiano Petrus de Vineis o inventor do nosso soneto.

Também existem os que dizem que foi o poeta grego Píndaro (521 a.C.), o iniciador do soneto.

De uma coisa, parece, não pode-

mos duvidar: o nome é italiano e Dante e Petrarca foram os primeiros grandes cultores dessa forma poética.

Em meados do século 15, o Marquês de Santillana introduz essa forma poemática na Espanha. No século seguinte, Sá de Miranda leva o soneto para a literatura portuguesa e Camões o consagra definitivamente.

Soneto é um poema de forma fixa. Há mais de uma modalidade de soneto, quer pelo número de versos, quer pelo número de sílabas, como o soneto inglês, composto de três quartetos e um dístico.

Houve poetas, como o médico e lírico catarinense, Luis Delfino, que fizeram sonetos, em que os tercetos vêm em primeiro lugar.

O mais cultivado, porém, é o tradicional soneto italiano, disposto em 14 versos, com dois quartetos e dois tercetos, rimado, metrificado, com ritmo e a inconfundível “cha-

“

Poesia, pois, é a linguagem viva da paixão e da imaginação. Uma geração sem poesia é uma geração amorfa, insensível, vazia de sonoridades, sem a fantasia doirada do sonho que embelece a vida humana”

ve de ouro” no último verso.

O Brasil é uma terra farta em grandes sonetistas, desde os festejados poetas Olavo Bilac, Renato Baez, os acadêmicos Rosário Congro, Alveir de Alencar, Rubenio Marcelo, o saudoso Germano Barros de Souza, o campo-grandense Aberto Bonfim, Júlio Mancini, Lécio Gomes e tantos outros, e você, Geraldo Ramon, meu prezado confrade, que, na arte de sonetar, já garantiu um lugar de destaque em nossa literatura.

Os tempos mudaram, mudaram os gostos, transformam-se os conceitos, transmudou-se a arte e a poesia não poderia ficar indiferente. Mudou também.

Hoje, há poesia, há verso e há falsificações, verdadeiros estelionatos poéticos. Há de tudo. As gentes e as civilizações são um universo!

O soneto, entretanto, é uma penha embasando a autêntica arte poética, um monumento ao bom gosto, uma indestrutível identidade do genuíno poeta.

POESIAS

Canto do tempo*

Nos bastidores, aguardando a hora,
Todo emoção, mirando-se à maquiagem,
O artista se analisa na demora
Que o separa do início da mensagem...

E vê que o monstro do tempo se aflora
A distorcer do sonho a bela imagem...
E o astro entra a cantar, enquanto chora
Entre risos e rugas que interagem!

O palco o sente e reconhece o passo,
Mas o velho cantor capta no espaço
A cruel verdade que ora o desencanta:

Aquelas palmas são para o passado,
Sem dúvida seu canto está calado,
Ele dubla a saudade e o tempo canta!

Geraldo Ramon Pereira – coordenador cultural deste Suplemento

*Do livro autoral “Auroras e Crepúsculos – espectros poéticos em sonetos”.

Solidária

Sigo.

Na solidão solidária com a metrópole só.
Esquinas, sinais, calçadas, corpos.

Tudo acontece sem querer.

No tempo, dias e noites.

Ao meu lado, a companhia da cidade.

Onde vivem inúmeros romances.

Nela, a gente morre com a morte alheia.

Ou começa no parto público

o nascer da vida

que um dia vai perder.

Quanto mais você se envolver,

mais riscos vai correr.

É só sobreviver.

É só ter tempo para viver.

Aqui está tudo o que a vida pode oferecer.

Na vitrine das ruas.

Henrique Alberto de Medeiros Filho – presidente da ASL

Meus haicais*

O perigo do cão
nunca está no latido,
mas sim na mordida.

Galo quando canta
fora de hora, avisando
menina ir fugindo.

Dois que bem juntos
comem uma saca de sal
mui bem se conhecem.

Um, bem preso na mão,
mais valor tem que dois
lá no céu voando.

Perfuma-se todo
o machado que golpeia
cheiroso sândalo.

É antigo dizer
o velho sol para todos
igualmente nascer.

J. Barbosa Rodrigues – ex-presidente da ASL

*Do seu livro “Pedras Lascadas – Poemetos Nipo-Brasileiros”, 1998.

Aplausos para a literatura de Itaporã

(reencontro com dois livros memoráveis em minha velha estante)

REGINALDO ALVES DE ARAÚJO – escritor/cronista, ex-presidente da ASL

Tenho podido observar nestes quarenta anos de literatura vividos no estado de Mato Grosso do Sul que a poesia aproxima as pessoas. Esta é uma grande alegria para mim. A mensagem poética traz sempre um instante de paz, de satisfação para nossos leitores, conhecidos ou desconhecidos, neste mundo amedrontado onde as portas cada vez mais se fecham, como também cada vez mais se fecham os corações nos embates que a vida nos impõe. Necessário se faz di-

zer que, no sublime ato de confeccionar poesias, não há algo mais radiante do que colocar amor em tudo aquilo que produzimos na arte do dizer poético.

Não se pode negar que o universo poético é um reino mágico e deslumbrante, que fascina e atrai. De longe suas luzes convidam para nos deliciarmos neste contagiante paraíso.

Este reino mágico pediu passagem e aportou na bela cidade de Itaporã (MS), nela fez morada, primeiro com o saboroso “Mão de Poeta”, livro que reproduziu textos poéticos escritos por alunos e funcionários da Escola Estadual

Antonio João Ribeiro e depois o primoroso “Valores Literários de Itaporã”, consagrando quatorze autores do lugar, ambos organizados e laboriosamente dirigidos pela notável professora e cultora das letras itaporanenses, Nilza Melane, há mais de dez anos: foram essas as duas pérolas literárias que reencontrei, por acaso, em meio às relíquias literárias de minha vetusta estante e reli com saudosa emoção.

“Valores Literários de Itaporã”, cujo conteúdo engloba poesias e três contos, é uma bela obra tecida de simplicidade telúrica, mensagens pautadas no exuberante coti-

diano local, transparecendo, aqui e ali, a pintura, a luz e a aura que seus autores emprestam navegando na paisagem, no silêncio quebrado pelo grito, no casamento do corpo com a alma, entremeados de lípidos amores, acentuada saudade, extrema solidão, o encanto da natureza e esplendorosos luareis.

“Valores Literários de Itaporã” é um livro repleto de informações preciosas, de humanismo e de um considerável armazenamento telúrico. Uma canção poética ornamentada de esperança que se ergue no torrão sul-mato-grossense e que foi lançado há mais de um decênio na cidade de Itaporã (MS).

Iniciação escolar

WILSON BARBOSA MARTINS – pertenceu à ASL

Certa vez, fui à fazenda Formoso dos nossos primos Martinho Pires e Georgina Barbosa. Comigo estavam o cozinheiro Benedito e o cachorro perdigueiro Topsius, malhado de branco e preto. O córrego Arrozal estava bufando, era para mim diversão ver o cachorro nadar. Na volta, apressei a montaria para rever o Topsius exibir sua arte nas águas do ribeirão, mas sofri dor pungente,

quando ouvi ladridos e o vi enrolado nas laçadas da sucuri que o devorou em instantes. Toquei a galope, comovido narrei o fato em casa, mas a sucuri se foi com o nosso cachorro.

Dessa fase da minha vida, relembro outra cena, esta cheia de ternura, quando minha mãe no fim da tarde insistiu para que eu acompanhasse o crepúsculo vespertino sentado ao lado do casal nos mourões da cancela de acesso ao pátio. Não fui porque ainda não aprendera a contemplar as belas cenas do entardecer.

Quando ouço a pomba-rola que diz “fogo-apagou” ou vejo a juriti esquiva, lembro-me da São Pedro, onde em 1917 minha bisavó Marcelina serviu de parteira, dando-me o primeiro banho nas águas da bacia de prata, contendo as poucas joias de minha mãe para fazer-me feliz.

Foi na São Pedro, com os filhos mais crescidos, que meu pai nos ensinou a trabalhar, especialmente nas lides de campo. Nossa alfabetização veio por seu esforço, embora ele não fosse paciente. Quando entramos na escola, em Entre Rios, já sabíamos ler. Nossa irmã mais velha, Gaia, já se encontrava interna no colégio dos Anjos, em Botucatu, SP. Antes de partir, colheu na vár-

zea, abaixo do rego d’água, linda açucena de colorido variado e, cheia de ternura, depositou-a nas mãos de nossa mãe. Muitos dos nossos parentes levavam as filhas para esse estabelecimento. Não me recordo se sabíamos escrever, creio que não. O velho mestre seu Caetano nos adiantou na taboada – todos os seus alunos entravam no coral cantando com ele que, palmatória na mão, marcava o compasso. Pouco tempo depois, mudamos nossa matrícula para escola do seu Machado e, em 1929, fomos internados no ginásio municipal de João Tessitori Júnior, em Campo Grande. Desse período não guardo boas lembranças. As instalações eram precárias e a dis-

ciplina, a alimentação e os ensinamentos eram fracos. Esse colégio foi transferido em 1930 para os padres salesianos. As melhorias foram chegando aos poucos, até contarmos com os cursos e as instalações modernas dos dias de hoje.

O tempo passou, a vida foi tomando seu rumo, mas os anos da minha infância na companhia de meus pais e irmãos, desfrutando de uma natureza exuberante, ficaram como a lembrança de um tempo feliz, pontuando por exemplos de labuta, acontecimentos pitorescos e alguns fatos marcantes, como a passagem da Coluna Prestes, cuja dimensão na história só mais tarde eu viria a compreender.